

7

H L

13947

MIKROFILMADO

28 5 90

*Pui Louren*



MONUMENTO

DO

AGRADECIMENTO,

TRIBUTO DA VENERACAM,  
OBELISCO FUNERAL DO OBSEQUIO,

RELAÇAM FIEL

DAS REAÈSEXEQUIAS,

que á defunta Magestade

DO FIDELISSIMO E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR.

D. JOAÕ V.

DEDICOU

O DOUTOR MATHIAS

ANTONIO SALGADO


*Vigario Collado da Matriz de N. Senhora do Pilar da Villa de S. Joã del Rey*

OFFERECIDA

AO MUITO ALTO, E PODEROSO REY

D. JOSEPH I.

NOSSO SENHOR.

()

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO DA SILVA,

Anno de MDCCLI.

*Com todas as licenças necessarias.*



13.847

MONTREAL

AGRADECIMIENTO

RELAÇÃO

D. JOÃO V.

O DOUTOR MATIAS

D. JOSEPH I.

1850

LISBOA

DE OLIVEIRA & FILHOS

Em venda nas livrarias

# SENHOR.

**S**ENDO taõ dila-  
tadas as maõs dos  
Reys, naõ he muito que  
§ ii eu

eu nesta distancia chegue a  
beijar a Real mão de Vossa  
Magestade. Com esta pre-  
cisa demonstraçãõ do res-  
peito, e da lealdade perten-  
do, como fiel vassallo, ma-  
nifestar o gosto excessivo,  
que me toca pela exaltaçãõ  
de V. Magestade ao Throno.  
Naõ repare V. Magestade  
que, entre tantos excessos  
da alegria, offereça a Vossa  
Magestade este tributo fu-  
neral, que pagou o meu agra-  
decimento ao Fidelissimo Se-  
nhor Rey D. Joaõ o V. Pay  
Au-



Augusto de V. Magestade.  
Naõ he isto, Senhor, con-  
fundir os cyprestes com as  
palmas, os vivas com os  
gemidos, as acclamaçoẽs com  
as exequias; antes he con-  
tribuir para a gloria da ac-  
clamação de V. Magestade.  
Pois q̃ mayor annuncio das  
felicidades, que no Reynado  
de V. Magestade profetiza o  
augmento do seu Real No-  
me, em tudo primeiro, do que  
vermos que tem hum Pay  
immortal! Todas as prof-  
peridades; que gozou o Egy-  
pto

pto no governo do seu Vice-  
Rey Joseph, tiveraõ a sua  
ascendencia nas bençoens do  
Ceo. No Ceo tem V. Ma-  
gestade quem lhe lançou; e  
lança a benção, e por isso  
se promette Portugal em V.  
Magestade, como primeiro  
Joseph, felicidades corres-  
pondentes á que logra em  
ter á V. Magestade por seu  
Soberano. Prospere Deos a  
vida de V. Magestade, co-  
mo lhe pedimos, para de sem-  
penho das nossas esperanças,  
e complemento ultimo da  
nos-

*nossa gloria. S. Joaõ de El-  
Rey 14. de Mayo de 1751.*

*Do Santo Officio*

*ELLE TRISTIMOS ENBORIS*

**O Vigario de S. Joaõ de ElRey.**

*Mathias Antonio Salgado.*

noſſa gloria. S. João de El-Rei  
R. de Mago de 1771.

de novo se deu a  
Com. No. Com. H. Ma  
g. de Mago de 1771. e  
tudo a respeito de  
se prouar Portugal em V.  
Majestade, como prouar  
Joseph, felicidade de  
Mago de 1771. que logo em  
seu V. Majestade por seu  
Rei. Prospero. D. de  
V. Majestade, co

O Vigário de S. João de El-Rei

de novo se deu a

# LICENÇAS.

## Do Santo Officio.

*CENSURADO M.R.P.M. Fr. FRANCISCO  
Xavier de Lemos, Qualificador do San-  
to Officio da Sagrada Ordem dos Prê-  
gadores, &c.*

ILLUSTRÍSSIMOS SENHORES.

**F**iel executor das Ordens de Vossas Illustrissi-  
mas vi a Relação das Exequias, que ao Rey  
Fidelissimo dedicou o Doutor Mathias Antonio Sal-  
gado, Vigario da Matriz de N. Senhora do Pilar  
da Villa de S. João delRey, Comarca do Rio das  
Mortes, e com mayor applicação attendi ás duas  
Oraçoens Funebres, que a esse objecto recitou o  
mesmo Reverendo Vigario.

Para expôr a Vossas Illustrissimas o conceito;  
que fiz deste papel, basta significar o que há muito  
formey deste Author. He este, que o Doutor Ma-  
thias Antonio Salgado foy hum dos mais egregios  
Oradores, que talvez com vantagens a muitos, que  
apparecerão nos rostos da famosa Roma, subirão  
aos pulpitos da nossa Lusitania, soando ainda hoje  
em cada dia festivo os doces eccos da sua eloquencia.

nas abobedas dos mais famosos Templos desta Corte, que se hontraraõ com a sua presença. E se este he o mesmo Author destas Oraçoens Funebres ; quem duvida que nellas se admira a mesma elegancia-do seu grave, serio, e magistral estylo?

Dittofo Orador sempre igual ou para festivos, ou para funebres dezerpenhos, mostrando em toda a occasiaõ a mesma-harmonia nas vozes, melhor que a cythara de Eumenides variando os tons, e mudando as letras.

Naõ merecia menor Orador a heroicidade do Fidelissimo Monarcha, que occupou a penna de escriptor taõ insigne, que soube reduzir aos limites de dous panegyricos as acçoens, que naõ caberiaõ em grandes volumes, explicando com a figura de huma nova reticencia, o que outros naõ poderiaõ publicar com a multidaõ de pleonasmos, com que se occupariaõ innumeraveis paginas,

Em fim, dignissimo he todo este papel de fahir á luz publica, muito mais naõ contendo couza contra a Fé, ou bons costumes. Assim o julgo. Vostas Illustrissimas mandarãõ o que forem servidos. Convento de S. Domingos de Lisboa 15. de Setembro de 1751.

*Fr. Francisco Xavier de Lemos.*

**V**ista a informaçãõ; pôdem-se imprimir a Relaçãõ; e Sermocens, que se apresentaõ; e depois voltarãõ conferidos para se dar licença que corraõ; sem a qual naõ correrãõ. Lisboa 16. de Setembro de 1751.

*Fr. Rodrigo de Alancastre. Silva.*

---

## Do Ordinário.

*CENSURADO M.R.P.M.Fr.FRANCISCO  
Augusto da Ordem de N. Senhora do Car-  
mo &c.*

EXCELLENTISSIMO SENHOR:

**V**I a Relaçãõ das Exequias; que á Magestade do Rey Fidelissimo dedicou o Reverendo Doutor Mathias Antonio Salgado, Vigario da Matriz de N. Senhora do Pilar da Villa de S. Joã delRey, Comarca do Rio das Mortes, e juntamente os dous Sermocens; que com a mesma Relaçãõ pretende imprimir, e me parecem dignos da licença, que pede; porque nelles, nem tampouco  
na

na Relaçõ se acha palavta , que repugne aos dogmas da Fé, ou pureza dos costumes. Carmo de Lisboa 1. de Outubro de 1751.

*Fr. Francisco Augusto.*

**V**ista a informação , póde-se imprimir a Relaçõ , e Sermoens , de que trata a petiçãõ , e depois de impresso torne para se dar licença para correr. Lisboa 3. de Outubro de 1751.

*D. Jozé A. de Lacedemonia.*

---

*CENSURA DO M. R. P. M. PEDRO  
Alfaya da Sagrada Companhia de JESUS, &c.*

S E N H O R:

**L**I por ordem de V. Magestade esta Relaçõ, e os dous Sermoens , em que , como em Pólos se revolveo a grande esfera do engenhoso Doutor , o Reverendo Mathias Antonio Salgado , e me parece que nunca a Frota do Rio veyo taõ importante , como quando nos trouxe este precioso papel , em cuja comparaçãõ perde os quilates to-  
do



do o ouro; que nos *Costuma* vir daquelle novo mundo: *Omne aurum in comparatione illius arena est.* Está Obra singular, e por todos os lados tão perfeita, que não he fácil de resolver, se sobre-sahe mais nesta Obra a materia, com que para ella concorreo o Fidelissimo, e Augustissimo Rey, o Senhor D. João o V., ou a fórma, que lhe deo este famoso Orador; porque se as acçoens daquelle grande Monarcha nos suspendem por raras, e em gráo superlativo heroicas, tambem o estylo deste celebrado engenheiro nos eleva, por se achar nelle singularmente unido o mais natural, e espontaneo com o mais perspicaz, e profundo. Assim o mostraõ os seus conceitos os mais profundos, as suas reflexoens as mais agudas, e as suas palavras as mais proprias. Com ellas retratou tão vivamente ao nosso Fidelissimo; e Augustissimo Rey, que quem tomar nas mãos estes Sermoens se achará com hum fiel retrato, em que contemple todas as prendas, com que a natureza o aperfeçoou, e todos os dotes, com que a graça o enriqueceo. Por isso me parece esta obra muito digna do Real agrado de V. Magestade, e de se dar ao prélo para gloria singular do nosso rey. no; pois quando este não tivesse cultivado outros engenhos mais que o do Author, este só bastaria para credito immortal da nação Portugueza; assim como bastou para credito do Egypto hum só Antonio: *Quod si nullum alium protulisset Ægyptus, satis erat Antonius*, escreveo S. Jeronymo. Este o meu parecer. V. Magestade ordenará o que for servido. Lisboa Collegio de S. Antão da Companhia de JESUS 6. de Outubro de 1751.

Pedro Alfaya,

Que

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio; e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mela para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa 7. de Outubro de 1751.

*Attaide. Almeida. Mourão.*

RE-



RELACAM FIEL

DAS REAES EXEQUIAS

da defunta Magestade

DO

FIDELISSIMO,

E AUGUSTISSIMO REY O SENHOR

D. JOAÕ V.



UANDO estas Minas; sempre  
leaes aos seus Monarchas, espera-  
vaõ anciosas a dezejada melhoria  
da rebelde queixa, que ha tantos  
annos padecia a Magestade Fide-  
lissima do seu Augustissimo, e Se-  
renissimo Rey, e Senhor D. Joaõ

o V., trocada a esperança em magoa, o dezejo em  
tormento, a gloria em tristeza, e a galla em luto,  
pela Bahia de todos os Santos chegou a vaga, e triste  
noticia ( ainda que ao principio ló como ruim acre-

A

ditada)

ditada) de ser fallecido para o mundo este Poderozo Monarcha Lusitano, de todos os seus Reys exemplar incomparavel.

O pouco seguro allivio, que esta noticia, ainda por duvidosa, aos povos communicava, se desvanecio com as ordens, e expressos, que o Illustrissimo e Excellentissimo Gomes Freyre de Andrada, Governador, e Capitaõ General destas Minas, mandou da Cidade do Rio de Janeiro para todas as suas Comarcas, Villas, e Camaras, para que, assim como na vida de tal Rey tinhaõ sido participantes de seus beneficios, fossem na sua morte com publicas, e particulares, internas, e exteriores demonstraçoens do justo sentimento, lastimaveis pregoeiros de tanta perda.

Aos 25. de Dezembro do anno passado de 1750. chegou a esta Villa de S. Joaõ de ElRey, Comarca do Rio das Mortes, a certeza de taõ infausta noticia; e he de crer que, sendo na lealdade, e no nome esta Villa taõ particular da Magestade defunta, havia forçoosamente de ser tambem entre todas a mais especial no sentimento.

Naõ houve em todo este povo creatura, que, tendo o Racional por differença, naõ fizesse neste lamentavel estrago mais apreço do sensitivo; morador, que naõ mostrasse no pranto a magoa de seu ferido coração: e ainda na multidão dos escravos pouco intelligentes da publica utilidade, e que naõ sabem pezar a ruina do Ceptro na balança do entendimento, se naõ via algum, que no enlutado semblante, sem mudar de cor, naõ fosse muda estatua da pena; e da magoa immovel estafermo.

A Igre-

A Igreja sentia a falta de hum Monarcha tão liberalmente piedoso para o Culto Divino ; os Ecclesiasticos mostravaõ-se sentidos na perda de hum Soberano , que , sem dezar da Magestade , tanto os respeitava ; os vassallos choravaõ a morte do teu Rey , que tão pacificamente os conservou ; os Politicos lamentavaõ , que morresse hum Príncipe tão perfeito ; a quem , esquecidos do Senhor D. Joaõ o II. no nome , dezejavaõ immortal na duraçaõ ; e o povo finalmente clamava inconsolavel que perdera , não hum Rey , mas hum Pay ; de quem , sendo vassallos por sujeiçaõ , eraõ mais que filhos por amor.

Com este universal sentimento , depois de quebrados os Escudos nas praças mais publicas da Villa ; ( antiga cerimonia , que se observa na morte das Magestades Portuguezas ) fez a Camara na Igreja Matriz de N. Senhora do Pilar da mesma Villa , assistindo-lhe o Doutor Corregedor da Comarca Thomaz Roby de Barros Barreto do Rego , com pompozo , e funebre apparatus as suas Reaes Exequias aos 28. do mez de Dezembro , mostrando na morte do seu Rey o final tributo da vassallagem ; mas não o ultimo para a sua veneraçãõ , e saudade

Quiz o Doutor Mathias Antonio Salgado Vigario collado desta mesma Igreja Matriz , ou fosse por obrigaçaõ de divida , ou por agradecimento do beneficio , mostrar á Fidelissima Magestade defunta do Senhor Rey D. Joaõ o V. , que nem a distancia o fizera esquecer dos Reaes favores , nem a morte o havia atguir de desagradecido á memoria de hum Monarcha , que tanto em sua vida o favorecera ; e determinou , no modo possivel , pagar-lhe em bem da alma o

bem; que lhe havia feito na apresentação do seu Real Padroado desta Igreja; fineza, que, ainda que experimente a emulação dos ingratos, não chegará a sentir a crisi da lizonja.

Sessenta dias se dilatou a funebre, e magoada; mas amante demonstração deste fiel, e fervorozo agradecimento; holocausto, que, não consentindo pela dor demoras ao dezejo, precizou, a estímulos do desvêlo, desta tardança, para proporcionada execução da idéa de hum obelisco mais sublime, que os decantados da antiga Roma, de huma Pyramide mais elevada, que as maravilhozas do Egypto, e de hum Regio Mausoleo mais pompozo, e amante; que aquelle, que soube erigir Artimiza para padrao do amor; e monumento da laudade á memoria do seu Rey, e defunto marido Mauzeolo.

Era esta artificiola fabrica copia da engenhosa idéa dn Sargento mór Antonio de Moraes Sarmiento; tinha todo o corpo 40. palmos de alto desde o ultimo, e superior degráo; 20. de largo, de figura oitava vada em forma pyramidal; esta se repartia em quatro corpos parciaes, membros, de que se compunha o pompozo, e agigantado composto de machina tao funesta: os primeiros tres bancos se ornavão pelas suas faces com 12. tarjas de meyo relevado; vestidas de fastoens, e mais folhagens de ouro, e prata, que realmente as formozeavao, e enriqueciao: erao os effcudos destas tarjas de morte cor, dentro dos quaes se viao finamente pintados varios Emblemas, deduzidos de alguns lugares da Sagrada Escritura, com seus Lemmas, e letras por baixo em fitas de ouro; e prata; o que logo se decifrava em elegantes Disticos;

escritos em pannos prateados, que pendiaõ das mesmas tarjas, e ficavaõ nos côrtes dos ditos corpos, que faziaõ o uitavado da figura, ornando-se tudo com varias folhagens douradas de engenhoso, e admiravel artificio.

O quarto; e ultimo banco se adornava de varios gomos, e meyas canas douradas, e prateadas; que com apparatoza architettura, e fórma singular lhe faziaõ distinguir o plinto, corpo, e cornija, tendo sobre esta hum banco, em que assentava huma almofada de veludo preto agalado de ouro, rematando em cima esta funebre Pyramide com huma Coroa, e Ceptro de prata, como Real Coroa de taõ magestosa obra.

Sustentava se esta triste, e sublime machina em oito quartoens de altura de 9. palmos de fingido Alabastro com varias folhagens douradas, de cujas volutas prendiaõ fastoens dourados de huns aos outros, que se enlaçavaõ com igualdade por baixo do plinto do primeiro banco; os plintos, em que assentavaõ aquelles quartoens, eraõ de fingido marmore azul: o pavimento desta obra era hum estrado formado na mesma figura oitavada de tres degráos da mesma pedra; cujo plano se via pintado de hum admiravel xadrez azul, e branco, que além da perfeição fazia sobrefahir melhor a elevada fabrica deste magestoso, e tristissimo Obelisco.

Divizavaõ-se os Emblemas nas oito faces principaes dos dous primeiros corpos deste composto; e applicados todos pelo amor; e engenho do melmo Mathias Antonio Salgado, que na urna da dor, ou na pyra da faudade queria, na sensivel morte

te de taõ Augusto Monarcha , naõ só mostrar a ma-  
goa no dispendio , mas accrescentá la na lembrança  
das accoens , e virtudes , com que este Rey Fidelissi-  
mo em sua vida tanto se distinguio entre todos os Mo-  
narchas de Religiosa Christandade.

Na frente deste corpo , e face principal do  
primeiro banco se lia em huma bem lançada fita de ou-  
ro o seguinte lugar da Escritura Sagrada.

*Scio hominem in Christo . . . raptum huius-  
modi usque ad tertium cælum.*

2. ad Corinth. 12. v. 2.

Por baixo huma bem pintada Não de morte  
cor dentro do escudo de huma das 12. tarjas , surgin-  
do dos abyssos do Oceano , e elevando-se até o  
mesmo Ceo , em cujo seguro porto parecia querer li-  
vrar se das tempestades do mar , e inconstancia das  
ondas ; era a Letra : *E tumulo ad cælum.*

Decifra-se no gloriolo tranzito da defunta Ma-  
gestade Fidelissima , subindo ao seguro porto do Ceo ,  
como christãmente cremos , do undozo , e incon-  
stante pelago de trabalhos , em que vivia neste mun-  
do , naõ só no intopportavel pezo da Monarchia ,  
como no tormentoso abyssmo da dilatada molestia ,  
de que deo a alma ao Creador de tudo ; e Rey dos  
Reys ; o que cordialmente mostrava aquelle Salgado  
engenho em o prateado panno nestas clausulas.

*Quæ modo dilectis vita est tumularier undis  
E tumulo ad cælum sustulit unda Ratem ;  
E tumulo ad cælum tempestas improba fati*

Re:



Regem effert : portum jam sua puppis habet.

Na face superior do segundo banco se viaõ sabiamente applicadas estas palavras da melhor Sabedoria , escritas tambem em fita de ouro

*Spes illius immortalitate plena est.*

Ad illud Sap. 3. v. 4.

Era o Emblema huma Real Aguia bebendo os rayos do Sol , a cujas luzes tã aspirava , com este Lemma : *Non est mortale , quod optat.*

Bem o explicava a mesma apparada penna ; descrevendo nos seguintes Disticos o infaciavel desejo , com que esta Imperial Aguia Portugueza , desprezando a fragilidade do mundo , e sombras da terra ; se queria illustrar entre as luzes do Divino Sol.

*Aspicias , ut Solem quærit Jovis armiger ales ;*

*Intentisque oculis lumina grata bibit ?*

*Non est terrenum : Non est mortale , quod optat ;*

*In Sole obtutum pascere solus amor.*

*Nomina non fallunt ; Aquila est Augusta Joannes ;*

*Atque Aquilam expressit , dum parat ire polum :*

*Non sibi terra placet : Non est mortale , quod optat ;*

*Æterno ut pascat lumina sole , volat.*

Da parte collateral da Epistola se divizava na face do primeiro corpo em fita de prata o seguinte lugar da Escritura Sagrada.

*Quasi*

*Quasi non est mortuus ; similem enim reliquit  
sibi post se.*

Ecclesiast. 3. v. 4.

Mostrava-se dentro do escudo da tarja a pintura do Emblema na celebre fabula de ElRey Athlante, quando, para dar descanso ao seu trabalho, largou de seus hombros sobre os de Alcides o pezo de todo o mundo, que nelles sustentava; e era o Epygrafe: *Non deficit alter.*

Quiz com muita propriedade dizer o seu sabio Author, que o nosso defunto Monarcha, incomparavel Athlante, que por tantos annos sustentou o pezo grave da Lusitana Monarchia, querendo por premio de seu trabalho ir descansar na celeste Patria, morrera, largando o pezo do Imperio sobre os Regios hombros de seu Agustissimo Filho, e Successor, o Serenissimo, e Fidelissimo Rey D. Joseph N. S.; que, como verdadeiro Hercules Portuguez, o sustentará por tantos annos, quantos pede o nosso interesse, quantos dezeja o nosso amor, e quantos merece a sua Real Piedade, e Beneficencia: e bem se explica o Emblema nas seguintes clausulas.

*Fessus Athlas dum liquit onus ; non deficit alter.*

*Par sibi, qui similes suppleat orbe vices.*

*Non aliter, nam fata vocant, dum Lysius Athlas*

*Deposuit Regni, quod grave gessit, onus ;*

*Viribus Herculeis Princeps non deficit alter,*

*Qui molem Imperij, Rege cadente, serati.*

*Funere ne credas totum periisse Joannem ;*

*Dum*

Dum post se Sobolem linquit in orbe parenti:  
 Regnat adhuc, vitamque trahit post funera sospes;  
 In Nato regnat, vivit & ille suo.

Na face do banco superior do mesmo lado se mostravaõ escritas em outra fita de prata estas palavras da Sacra Pagina.

*Mihi...: mori lucrum.*

Philip. i. v. 21:

Explicava-se o Emblema em huma véla, dando, como costuma, mayor claridade, e refulgendor de luz ao tempo de apagar-se, e quando morre; e era a propriedade da Letra: *In interitu clarior.*

Dando-se a entender, que este Fidelissimo Principe, e Rey Soberano, naõ só como véla acceza, mas como brilhante tocha da Fé, e da Christandade, tivera em sua morte mais clara a luz do feu Real Entendimento, mostrando na mesma o mayor refulgendor das suas virtudes; assim o ensinava a descripçaõ dos versos seguintes, que ideou a eloquencia do varaõ, que votava enternecido estes tristes, e amorozos obsequios, que se viaõ lavrados no prateado panno, que pendia da tarja, onde o mesmo Emblema se incluia.

Mayorem emittit fax jam moritura nitorem,  
*Clarior interitu, dum cadit umbra, nitet.*  
 Hæc est Lusitadum Regis imorientis imago,  
*Clarior interitu, quàm fuit ante, manet:*

Na frente ; que correspondia para o Altar maior , se não a principal para a curiosidade do concurso , a primeira pelo termo , que mais directamente venerava , se lia na face do corpo inferior desta funebre maravilha este sagrado Lugar :

*Abiit accipere sibi Regnum.*

Luc. 19. v. 12.

Consistia o Emblema , que no escudo da tarja se divizava , na primorosa pintura daquelle brilhante Planeta , Rey , e Monarcha dos Astros , quando sepultado em urnas de crystal , procura brilhar no Reyno dos Antipodas , deixando entre confuzoens , e tristezas aquelles , de que se aparta , e para quem morre ; tinha por Lemma : *Regnum aliud querit.*

Foy felicidade do Author mostrar com tanta energia , que o Sol Portuguez da Magestade Augusta do Senhor Rey D. Joaõ o V. no seu sentido occaso antes quizera deixar o seu Reyno de Portugal , a pezar do nosso sentimento , pelo Reyno celeste ; onde reynará triunfante , e glorioso por toda a eternidade entre os habitadores do Empyreo : e isto he o que inculcaõ as metricas consonancias , que se seguem :

*Phœbus in occasu non Regni amittit habenas;*

*Regnum aliud querit , dum tumultatur aquis.*

*Ut Sol occubuit , liquit dum regna. , Joannes ,*

*Non tamen occubuit funere Regis honor.*

*Regnum aliud querit , nullo quod clauditur œvo ,*

*Par meritis solum est ista corona suis.*

Na face do corpo superior se achavaõ escritas em fita de ouro estas sagradas letras da Escritura. .

*Sol cognovit occasum suum.*

Ex Psalm. 103. v. 19.

Em escudo de rica tarja se representava o Emblema na artificiosa pintura da ave Fenix , renascendo advertida das mesmas chammas , em que morte pregoeira do seu final destino ; sendo o seu Epygrafe : *Fati sibi conscius.*

Dava a entender este fiel Panegyrista das virtudes , e acçoens da Fidelissima Magestade defunta , que antes da sua morte fora sabedor da ultima hora da sua vida , conhecendo o tempo , em que havia de dar a sua alma ao Creador dos Ceos , e da terra ; conceito , que bem explicou na elegancia do metro.

*In tumulo Phœnix fati sibi conscius ardet ,*

*Natalemque parat , dum perit igne , diem.*

*Instar Phœnicis novit tua fata JOANNES ,*

*Atque pio , fati conscius , igne flagrat.*

*Qui sua prævidit Rex funera doctus amore ,*

*Crede , carens œvo mors sibi vita fuit.*

Pela parte collateral do Evangelho na face do primeiro corpo desta elevada maquina se mettiaõ pedos olhos , e pelo entendimento de todos , os que a contemplavaõ , estas sentenciosas verdades das Divinas Letras.

*Pretiosa in conspectu Domini mors eius.*

Psalm. 114. v. 5.

Mostrava em vistosa pintura o escudo da tarja aquella decantada Arvore pelos Poetas de hum ramo de ouro, que cortado, logo de novo apparecia com outro semelhante na grandeza, e preço, a que se applicava a Letra: *E cæde acquirit pretium.*

Alludia este Emblema á Real, e Preciosa Arvore do Fidelissimo Rey, e Senhor D. Joáo o V., que, sendo cortada no Outono de seus annos a violencias do cruel golpe da Parca, adquirio no mesmo córte o mayor preço, brotando com mais riquezas; renascendo Arvore de ouro no Paraizo, veyo a fervir lhe a morte de instrumento para o premio, que alcança na gloria, como aquella moralmente nos prognostica; parece, que assim o quiz dizer aquelle douto Orador, e Poeta:

*E cæde acquirit pretium, dum cæditur, arbor  
Aurea, sub ferro læsa refundit opes.  
Funeris hæc Regis pretium late explicat arbor;  
Nam pretium acquirit; dum modo cæde cadit.  
Quot virtutis opes felici in funere prodit?  
Qui sic occumbit, mors pretiosa sua est.*

Finalmente na oitava face do segundo corpo deste lado se representava em fita de prata este texto da Escriptura Sagrada.

*Volabo ; ut requiescam:*

Psalm. 54. v. 7.

Naõ podia o Emblema ser mais genuino para o intento , mostrando no escudo de outra similhante tarja huma incendida chamma de fogo , subindo para o Ceo , e buscando por materia os mesmos ares , em que se ateava ; tinha por conceito o seguinte Lemma : *Ut requiescat.*

He a sua applicaçãõ ; que assim cõmo a chamma do fogo sóbe para cima , querendo fugir da terra , como violento desterro da sua inclinaçãõ , por buscar nos Ceos a sua propria regiaõ ; da mesma sorte a luz do entendimento , e a incendida chamma , em que se abrazava o ardente coração , e Regio peito deste Serenissimo Monarcha no amor de Deos , quiz fugir do desterro deste mundo , buscando no Ceo ; a que subio , a patria , para que fora creado , comã propria regiaõ , que tinha merecido por suas virtudes : este foy o conceito do Author destes Emblemas , igualmente sentenciosos , que discretos , como se mostrava do prateado panno , e lenço , que pendia da mesma tarja.

*Cernis , ut impatiens terras fax ignea linquit ?*

*Cælesti ut tantum lede quiescat , abit.*

*Pectoris ista tui monstrat fax vota , JOANNES ;*

*Orbe fugis , cœlo nam Tibi sola quies.*

Nas outras quatro tarjas , que serviaõ de ornato ao terceiro corpo desta estupenda , e magestosa

architecturã pelas quatro faces principaes do oitavado se liaõ outras tantas inscripçoens , e Lugares da Sagrada Pagina , que applicou a curiosidade á memoria faudoza deste Fidelissimo Principe: Na fronteira a porta principal da Igreja era o seguinte Textõ :

*Vivit anima tua , Rex ?*

Reg. lib. 1. 17. v. 55.

Na face collateral da Epistola o seguinte:

*Effugisti mortis imperium.*

Tob. 2. v. 8.

Na fronteira ao Altar mayor se mostrava este;

*Transit à morte in vitam.*

Joanã. 3. v. 24.

E pela parte do lado do Evangelho se offerencia o seguinte Texto:

*Non est viro huic judicium mortis.*

Jerem. 26. v. 16.

Entre os quatroens , que serviaõ de Athlantes , sustentando o agigantado corpo desta maquina ; igualmente luzida , que horrorosa , por baixo do plinto do primeiro corpo se apresentavaõ tambem no meyo das quatro faces principaes em idioma vulgar quatro Sonetos. lavrados em artificiosas tarjas , que a triste e nunca mais tarda Musa do indigno Escritor desta Relação Funebre formou em Epitafios na magoa com a penua



a penna do sentimento : era o da frente o seguinte

## SONETO:

**A** Qui jaz , e não jaz , ó Lusitanos ,  
 Hum Rey , cujas acçoens daõ larga historia :  
 Realmente não jaz , fim na memoria  
 Dos vassallos leaes Americanos.  
 Para seu bem , e nossos dezenganos,  
 O seu Reyno trocou pelo da Gloria ;  
 Por mostrar que esta vida he tranzitoria ;  
 E saõ tambem mnrtaes ns Reys humanos.  
 Perdemos , ecclipsada a Magestade ,  
 Fino amor , certa paz , firme esperança ;  
 Hum Pay da patria , o Rey de mais piedade ;  
 Dando-nos , como a filhos , por herança  
 Eterna sua vida na saudade ;  
 Sua morte perpetua na lembrança :

Na face do lado da Epistola se.lia em outra  
 tarja este

## SONETO:

**C**Ruel Parca , golpe fero ; duro córtè !  
 Como entre labyrinthos , e entre horrores  
 Te oppoens tyranna aos Regios esplendores  
 Trovaõ de lutos , rayo de Mavorte !  
 Tudo acaba , consóme tudo a morte ,  
 Pobres vassallos , Reys , Imperadores ,  
 Baixas choupanas , torres superiores ,  
 Ceptro Regio , elmo duro , espada forte.

Naõ

Naõ me admira que a Parca enfurecida  
 Tudo consumma , quando a todos chama  
 Quem do Quinto JOAM foy homicida.  
 Mas advirta , que tanto o Povo o acclama ;  
 Que se pôde roubar-lhe a fragil vida ,  
 Naõ pôde escurecer-lhe a regia fama.

Na face fronteira ao Altar mayor se deixava  
 yer o seguinte

## SONETO.

**E**Sta funebre maquina ; que encobre  
 Em Regio Mausoleo a Real Grandeza ;  
 Dezenganando a humana Natureza ,  
 He funesta expressaõ do amor mais nobre.  
 Occulta a Magestade , e se descobre ;  
 Que a morte , por mais tymbre da inteireza ;  
 Naõ distingue a humildade da nobreza ,  
 O Rey , ou o vassallõ , o rico , ou o pobre.  
 Tudo morre ; e naõ he , naõ , impiedade ,  
 Que a mesma natureza he que assegura  
 Ser feudo da mortal fragilidade.  
 Pois nem pôde izentar-se a morte dura  
 A Régia ostentaçaõ da Magestade  
 Nos estragos fataes da sepultura.

E logo pelo lado do Evangelho se ostentava no  
 escudo da ultima tarja o seguinte Epitafio , e

## SONETO.

**A** Qui estaõ, Portuguezes celebrados,  
 Do nosso Rey os Regios esplendores,  
 Ou em pyra de luzes exteriores,  
 Ou em urna de dor depositados.  
 Nesta morte os suspiros duplicados  
 Sejaõ em tanto excesso superiores;  
 Com que do povo os funebres clamores  
 Correspondaõ leaes da fama aos brados.  
 Chore pois esta America sentida  
 De taõ grande Monarcha o estrago forte,  
 A que a perda conduz, e a dor convida.  
 Lamente Portugal, publique a Corte  
 A breve duraçaõ de tanta vida,  
 O golpe acelerado desta morte.

Finalmente, este assombro dos Mausoleos, esta  
 maravilha das Pyramides, e este funetto, e incompa-  
 ravel Obelisco estava com tanto custo, e ingenho  
 artificialmente ornado, que, alêm das riquissimas tar-  
 jas, e folhagens douradas, e prateadas, em que se  
 davaõ a admirar tantos Emblemas, sagradas Inscri-  
 pçoens, e Epitafios, a abundante copia de precio-  
 sos galoens de ouro, e prata, de que se ornava, fa-  
 zia encobrir o campo dos veludos, e sedas pretas,  
 com que se vestia todo este architectado composto,  
 sobrefahindo só em pequenos claros, que enlutados  
 faziaõ realçar o ornato com distincão vistosa do arti-  
 ficio.

Nos quatro córtes angulares, com que esta fa-

fabrica formavã a figura oitavada estavaõ outros tantos pedestaes de dous corpos , fazendo a melina figura com seus ressaltos , os plintos eraõ de Alabaastro fingido , os corpos de marmore azul refendidos , as cornijas do mesmu Alabaastro , e ouro ; o segundo corpo destes pedestaes , como fielmente demostra o risco , tinha o plinto azul , o corpo branco , e o capitel Jonico , e dourado , demandando cada pedestal de altura 17. palmos até os capiteis.

Sobre o pedestal do lado direito fronteiro á porta principal da Igreja se via em vulto hum horroso Etqueleto cuberto com manto de Cavalleiro da Ordem de Christo , e na maõ direita huma Coroa em sinal de Magestade , tendo em panno branco de sombras estendido na frente pela face do seu pedestal a seguinte inscripção , parto do entendimento do mesmo erudito Vigario.

Siste , Viator , & siste lacrymas ;

Major jactura est ,

Quam ut fleré possis.

Imo

Non lacrymis opus est ,

Quando

Non Regem parentamus amissum ,

Sed prosequimur cœlo redditum.

Augustissimus Rex JOANNES QUINTUS

Nec Regnum amisit , nec coronam.

Nunc maxime supra nos regnat ,

cum in cœlo regnat.

Quod coronam adhuc retineat ,

Ex eo proditur,

Mittit coronam suam ante Thronum.

Na face interior do mesino pedestal se lia em huma bem lançada tarja a inadvertida reprehensãõ ; com que o mal limado Escriptor desta fúnebre relação accusava a mesma Morte da crueldade do golpe neste

## S O N E T O:

**D** Etem ; morte cruel , furia tamanha :  
 Vê que acabas hum Principe perfeito ;  
 Reges o golpe , ignoras o sujeito ,  
 Que he estrago dessa funebre guadanha :  
 Ninguem te approvará , antes te estranha  
 Todo o mundo esse golpe sem respeito , :  
 Que essa acção he curiosa , e sem preceito ,  
 He rigor , e impiedade , não façanha.  
 Com tão pouca attenção , e dessa sorte  
 Se ultraja huma Coroa etclarecida ,  
 Se mata hum Rey , tal Rey , tão sabio , e forte?  
 Pois sabe , monstro cruel , dura homicida ,  
 Que despojo não pôde ser da morte ,  
 Quem merece por premio eterna vida :

Sobre o segundo pedestal do outro lado opposto , e tambem fronteiro á porta principal da Igreja , se levantava em vulto outro horrivel organizado Esqueleto cuberto com outro manto da mesma Ordem de Christo , fazendo alarde da desfattenta souce , que empunhava , como instrumento duro das suas victorias , mostrando em outro lenço branco extendido pela frente do pedestal esta inscripção da mesma penina Latina

Ubi est , Mors , victoria tua ?

Non jacet hic ;

Qui hic jacet.

Fidelissimum Regem JOANNEM QUINTUM

Tumulus non capit ,

Cui

Anticipato obsequio ;

Clientum desideria

Suis in cordibus

Posuere monumentum.

Ibi

De Regno immortaliter meritus

*Rex Fidelissimus*

Et vitam , & Regnum

Auspicatur immortale,

Hoc tantum nomine.

Morti obstrictus ;

Quia sibi abstulit , quod mortale erat ;

Ut totus fieret immortalis.

Na face interior do mesmo pedestal se estenda em bem recortada tarja a desculpa religiosa , com que a mesma morte áquelle Soneto da queixa pelos mesmos consoantes respondia no seguinte

### S O N E T O .

**C**Ruel não he minha furia , nem tamanha ;  
 Como cuidas ; que o Rey , por mais perfeito ;  
 Por força do destino está sujeito  
 Aose stragos finais desta guadanha.

Se o pede a natureza , como estranha  
 O mundo perder eu qualquer respeito ?  
 Que quem cumpre de Deos o alto preceito  
 Obra por sujeição , não por façanha.  
 Se o Rey dos Reys mandou cabisse a sorte  
 de JOAM na cabeça esclarecida ;  
 Deste Poderoso Rey no peito forte ;  
 Não sou cruel , nem sou d'elle homicida ;  
 Pois o levo da vida para a morte ,  
 Por levá-lo da morte a melhor vida :

No terceiro pedestal do lado da Epistola fronteiro ao Altar mayor se erguia em vulto outro Esqueleto , igualmente ornado com o manto da Ordem de Christo, sustentando no braço direito a Real Purpura, por baixo da qual se lia em outro panno esta engenhosa inscripção , obra do Reverendo Doutor Vigario:

Post immentum gloriæ curriculum  
 Relinquens Regnum Filio,  
 Regno Pacem ,  
 Orbi desiderium fui ;  
*Fidelissimus Joannes Quintus Portugalie Rex ,*  
 Hic in pace quiescit  
*Rex Pacificus ,*  
 Vixit in Imperio  
 Annos pené quatuor supra quadraginta  
 Nobis parum , sibi satis , gloriæ nimium :

E finalmente no quarto pedestal com outro manto da mesma Ordem se elevava o ultimo Esqueleto

leto da morte , empunhando . na mão direita o Regio  
 Ceptro , dando a entender que o nosso Fidelissimo  
 Monarcha ; ainda depois de morto , não perdera a  
 insignia da Magestade , por estar de posse de outra  
 Coroa no Reyno do Ceo : e em outro semelhante  
 lenço aos mais se via na frente do pedestal lavrada a  
 presente inscripção , feliz parto do mesmo Vigario:

Pone luctus ; Portugalie Regnum ;  
 Post morbum chiturnum ,  
*Fidelissimus* JOANNES QUINTUS Rex tuus  
 Tandem convaluit.  
 Quod sanus sit  
 Inde conjice ,  
 Obdormivit in Domino:  
 Non aliter dormire debuit  
 Dilectus hic Christo JOANNES ;  
 Qui supra pectus Domini nunc recumbit.  
 Ibi  
 Et somno , & amoris indulgens ,  
 Oculos in terris clausit ,  
 Ut in caelo aperiens sibi reditus  
 Intueatur  
 Quae oculus non vidit.

Ficava toda esta engenhoza , e riquissima obra  
 no meyo de quatro grandes , e bem fabricadas co-  
 lumnas da ordem corinthia com seus pedestaes de  
 outro fingido alabastro , as columnas de marmore a-  
 zul fingido , cintadas de folhagens de meyo relevado  
 de ouro com capiteis dourados ; coroando-se com  
 quatro jarroens de 7. palmos de alto todos prateados.



Os trispalares destas columnas serviaõ de gigantes aos arcos, em que se suspendia a cupula do pavilhão, a qual era da mesma figura oitavada com cimalha, e oito quartellas de ouro, e mais cores, mostrando nas quatro faces principaes da figura as Reaes Quinas Lusitanas.

Era a cûpula, e pavilhão, que cobria a grandiosa machina deste Regio Mauzoleo de veludo preto, todo franjado, e agalado de ouro, e prata com euriosa direcção, rematando-se por cima com hum dourado floraõ, que coroava o todo desta architettura: sabiaõ desta bem composta, e rica cûpula quatro cortinas, que, indo apanhar as volutas dos capiteis das columnas, formavaõ quatro arcos de meya volta redonda, fazendo por dentro a figura de barrete com varios florens; e tarjas de ouro; naõ havendo em toda esta fabrica ornato, que naõ fosse precioso; materia, que naõ fosse rica, e fórma, que naõ fosse applicada nas obrigaçoens da architettura pela melhor idéa da curiosidade, e invenção discreta do artificio.

Batia esta funebre, e agigantada machina com o floraõ da cûpula no levantado tecto desta Igreja Matriz, que sendo na verdade hum dos mayores templos, que com incrível despendio erigio nestas Minas a piedade Portugueza, achava ainda o sentido; e magoado coração, que á alma da Fidelissima Magestade do Senhor Rey D. Joaõ o V. offerecia este sacrificio, ter todo o seu dilatado ambito pequeno theatro para representar-lhe o seu amor, e ser tanta altura curta distancia para hum sincéro agradecimento, que para ser acceto havia de chegar forçozamente da super-

superfície da terra ao interior das espheras celestes.

E para satisfazer de algum modo na execucao ; ao que appetecia , e a Igreja lhe negava , quiz que a intensaõ nas demonstraçoens do sentimento supprisse a extensa esphera do seu grato dezejo. Fez enlutar todo o espaçozo ambito interior deste sagrado templo. desde a porta principal até o Altar mayor , mostrando nos horrores da cor a justa causa do sentimento : as negras paredes se ornavão com multiplicados Esqueletos de inteiros corpos , mortes , ofadas , e innumeraveis tarjas , em que se viaõ lavrados varios Lugares , e Inscriptçoens da Sagrada Escriitura , Disticos , e outras muitas variedades de Versos , e Epitafios , que ideou , e applicou a curiosidade para signaes da dor , e tributo da veneraçãõ ,

Na porta principal deste magestoso templo da parte de fóra apparecia logo á primeira vista hum taõ magnifico , como triste Portico , cuberto todo de panno preto , sobre o qual se viaõ pintados em lenço dous Esqueletos de meyo corpo , e com coroas na cabeça , entre os quaes se admirava huma excellente tarja com esta inscripção da Sagrada Escriitura.

*Exaltas me de portis mortis*

Psalms. 9. 15.

Logo ao entrar da porta da parte direita se liae m huma tarja este Distico.

*Mortuus est : oculis abeuntem amplectimur udis.  
Atque in perpetuum , Rex , Ave , & usque Vale.*

Na parede do lado da Epistola tinha outra tarjeta a seguinte Letra da Escritura Sagrada:

*Ne unquam obdormiam in morte.*

Psalm. 12. v. 5.

Seguia-se hum inteiro Esqueleto pintado, que aos pés tinha outra tarja, com este texto:

*Nunc ergo vide, ubi sit hasta Regis?*

1. Reg. 26. v. 16.

Do mesmo lado se mostrava mais adiante em outra tarja este Distico:

*Qui bene præteritos sine labe peregerit annos,*

*Non hõrret mortis vulnera dira pati.*

Bem no meyo do pulpito se lia em huma tarja o fiel dezengano do homem neste Distico:

*Vita quid est hominis? Ventus, flos, fabula, fœnum.*

*Aura, cinis, flatus, pulvis, & umbra, nihil.*

E sobre a cúpula do mesmo pulpito õ seguinte lugar da Escritura:

*Et erat sapientior cunctis hominibus.*

3. Reg. 4. v. 31.

Em cima da porta da Sacristia se achava hũa bem fornada tarja com o Distico seguinte.

D

*Lysia,*

*Lyha ; quid ploras ? Regem : Quis luctus ? Amarus :  
Ve nobis ! Regno ! Ve , Aurifodina , tibi !*

Na outra porta fronteira a esta do lado do Evangelho se divizava em correspondencia este Distico em outra tarja :

*Latus ad occasum ; nunquam redditurus ad ortum ;  
Vivo hodie , moriar cras , here natus eram .*

No meyo do pulpito do mesmo lado esta Letra Sagrada :

*Sum quidem & ego mortalis homo similis omnibus ?  
Sapient. 7. v. 1.*

E sobre a sua cupula o seguinte Distico em hũa curiosa tarja.

*Non vixisse diu vita est ; at vivere , vita est ;  
Quid juvat ergo diu vivere , deinde mori ?*

Pouco mais adiante se seguia em outra igual tarja este Distico :

*Hic jacet immitti consumptus morte JOANNES ;  
Quem cœlo astrifero vivida fama colit .*

Mostrava-se logo adiante hum Esqueleto com a sua foice de que cahia huma tarja com a seguinte Letra da Sagrada Pagina :

Mor-

*Mortuus est autem Rex.*

3. Reg. 2. v. 37.

E por baixo do coro na mesma parede se lia esta em outra tarja :

*Mors illi ultra non dominabitur.*

Ad Rom. 6. v. 9.

E em fim ; era tanta a variedade de Poemas , e Inscipçoens , Disticos , Epitafios , e Esqueletos , que ao mesmo tempo , que todo o corpo deste Templo horrorizava a vista para os estímulos da dor , admirava o vario dos conceitos , e a applicação dos lugares aos juizos discretos , que os attendiaõ.

O Altar mayor , e todos os mais desta grande Igreja se viaõ superiormente encerrados com negras cortinas , e vestidos com pendentes doceis , e sitiaes de veludo preto , em que sómente se arvoravaõ os Estandartes das Sacrosantas Imagens daquelle Rey dos Reys , que quiz , sendo immortal , morrer voluntariamente no Lenho Sagrado da Cruz para a redempção dos homens , cujos doceis , e sitiaes , entre as demonstraçoens do sentimento , faziaõ nas muitas franjas , e galoens de ouro , e prata , de que se compunhaõ , huma vista apparatusa , e enternecida a todos os circunstantes , de taõ funesta acção.

Todo este funebre apparatuso foy piedola disposição para aquelle dia , em que o agradecido coração do Doutor Mathias Antonio Salgado houve de tributar a taõ Augusto Monarcha por sacrificio da von-

tade as mais solemnes Exequias , que tem visto até o presente este dilatado continente Americano , assim na estrutura , e custo da exposta machina , como na assistencia do concurso , na harmonia da Musica ; na solemnidade do acto , no numero dos Sacerdotes , em abundancias de cera , e no discreto , e conceituoso da Oração.

Nos dous lados da Igreja se dividiraõ dous coros de Musica em outros tantos coretos ; em cada hum dos quaes estavaõ dous rabecoens , e hum cravo , e quatro vozes , todos tam bem ajustados , que cantando todos os Responforios , Versos , e Liçoens debaixo de rigoroso compasso , era tal a melodia , e consonancia , que se julgava fazerem todos hum concerto , sem faltar algum ao regulado contraponto da sua voz.

Da parte collateral da Epistola assistio o Doutor Corregidor desta Comarca com os Juizes Ordinarios em corpo de Camara com todos os seus Senadores , Capitaõ miõr da Villa , e mais Nobreza ; da parte do Evangelho a Veneravel Ordem Terceira do Patriarcha S. Francisco , com toda a sua Mesa , e Irmaõs Professos , e Noviços , seguindo-se a nobilissima Irmandade do Santissimo Sacramento , e todas as mais Irmandades , e Confrarias da mesma Igreja Matriz , que para acto taõ serio quizeraõ assistir em corpo de Comunidade ; e finalmente era taõ innumeravel o concurso , que sendo espaçozo o corpo deste sagrado templo ; se via naõ menos numero por toda a sua exterior circunferencia.

Iluminados todos os Altares ; e quando ja na urna da dor queria este Regio Mausoleo ser Pyra de luzes

luzes, que vomitando incendios de hum amor penalizado, ateados no sentimento, sem es poder apagar o pranto, pertendiaõ desafiar as Estrellas do Ceo pelo Sol, que nos roubara; digo, quando ja estavaõ accezas as innumeraveis tochas, que circulavaõ o magestoso attelaõ desta funebre Pyramide, se deo feliz principio ao solemne Officio, que offereceo aquelle grato, e triste peito pela Alma da defunta Magestade do Fidelissimo Rey, e Senhor D. Joaõ o V. de sempre saudosa memoria.

Contavaõ-se 20. Sacerdotes por cada lado (numero excessivo para buma Villa das Minas) assistindo no meyo destes 4. Dignidades com Pluviaes: era Presidente o mesmo Reverendo Vigario, que o offerecia; e tudo tam bem disposto, que naõ experimentou desordem: regiaõ o choro dous cantores de sonoras, e ajustadas vozes, havendo dous Thuriferarios; que incessantemente estavaõ incensando a urna com ornato, asleyo, e gravidade, aos quaes acompanhava hum Sacerdote Sachristaõ da Igreja Matriz:

Apenas no solemne Officio se chegou ao Psalmo *Laudate*, soy tan a a abundancia, e profuzaõ da cera, que a impulsos da liberalidade do dito Reverendo Vigario repartiraõ por todo o numerozo auditorio e povo quatro nobres amigos seus, que em breve espaço distribuiraõ mais de quinze arrobas della, naõ ficando em toda a extensãõ do templo pessoa de qualquer condiçaõ, a quem naõ se offertasse vela de libra; sendo depois de accezas tal a illuminaçaõ, e incendio, que deixavaõ a perder de vista as estrellas do Firmamento.

Principiada a Missa, que celebrou o mesmo  
Dou:

Doutor Mathias Antonio Salgado, se puzeraõ as quatro Dignidades nos quattros pedestaes, que orna-vaõ nos côrtes do oitavado aquelle luctuozo Monu-mento, onde existiraõ até o fim da funcão.

Concluido o sacrificio, subio ao pulpito aquel-  
le incansavel espirito, a quem se a fadiga naõ pôde  
cortar lhe os passõs para o trabalho, foy poderosa a  
magoa, e era bastante a causa, para lhe embargar  
as vozes para os suspiros. Entre montes de penas, e  
entre mares de prantos expõs na dor particular o sen-  
timento commum: no funebre elogio das acçoens  
heroicas, e virtudes do Muito Alto, e Poderozo  
Rey Fidelissimo, e Senhor D. Joaõ o V., se conci-  
liou affectos ja inclinados para a pena, infundio no  
auditorio bastantes fundamentos para o allivio, ou ja  
fosse na christã credulidade, que devemos ter, de  
que gozará por aquellas o eterno premio da Gloria,  
ou porque, morrendo glorioso, nos deixou no Au-  
gustissimo, e Fidelissimo Rey, e Senhor D. Joseph  
N. Senhor, hum semelhante Filho, hum fiel Exem-  
plo, hum Substituto, e Successor da sua Coroa, das  
suas acçoens, e das suas virtudes.

*Manoel Joseph Corrêa, e Alvarenga.*



# S E R M A Õ R E C I T A D O

Pelo Vigario de S. Joaõ de ElRey , o Doutor

## MATHIAS ANTONIO

S A L G A D O ,

Nas Exequias , que fez celebrar ao Fidelissimo  
Rey , e Senhor

# D. JOAÕ V.

*Non recedet memoria ejus , & nomen ejus requiretur  
à generatione in generationem ; sapientiam ejus enar-  
rabunt gentes , & laudem ejus enuntiabit Ecclesia.*  
Eccl. 39.



SEGUNDA vez, Fidelissimo Rey,  
e Senhor D. Joaõ o V., defun-  
to para a nossa saudade, vivo, e  
immortal na nossa memoria: *Non  
recedet memoria eius*, segunda vez  
venho a este lugar para offerecer  
diante dessa sombra funebre do  
vosso throno os extremos da nossa dor. A primeira vez  
fubi para, em nome desta Villa, do seu nobilissimo  
Senado; de todo este povo, vos tributar os affectos  
mais puros do coração, com que estes fieis vassallos  
deraõ mayor preço á magnificencia dos suffragios. Ho-  
je subo a impulsos do meu amor, a imperio da minha  
obriga-

obrigação, e a empenho da minha divida; Quem, como eu, vos deveo tanto; quando vivo, ja que não pó. le pagar de outro modo, pague sentindo o que perdeo na vossa morte. Vossa he, Senhor, esta Igreja, a quem como Padroeyro a devo, e quando a Igreja toda sentida da vossa perda se occupa em perpetuar na memoria dos seculos os vossos louvores; como podia faltar esta Igreja, que por todos os titulos he tanto vossa! Ella por mim, e eu em seu nome farey, o que faz a Igreja toda; buscarey o allivio da magoa, que causou a vossa morte, nos louvores augustos, e immortaes da voila vida: *Laudem eius enuntiabit Ecclesia.*

Bem ley que alguém condenará como demora culpavel o suspender eu tanto tempo este funeral obsequio. Ha perto de sessenta dias que recebemos a noticia infausa da morte do nosso saudozo Monarcha. E como se pó. le conter tanto tempo, sem que respirasse a nossa magoa, sem que prorompesse nos excessos do sentimento o nosso amor! Mas como se engana o discurso! Isto não soy conter-se a obrigação e o amor; soy dilatar-se mais o sentimento. Démos tempo ao tempo, para dar mais tempo ás lagrimas. Dilatamos este publico obsequio, para estender a mais dilatada esfera os excessos da dor. Settenta dias continuos chorou o Egipto a morte do pay do seu grande Vice Rey Joseph: *Flevit eum Aegyptus septuaginta diebus.* E que muito dilatemos nós por sessenta dias o chorarmos a morte do Pay Soberano do nosso Augustissimo Rey, e Senhor D. Joseph, dando com tanta providencia a Portugal, como Joseph ao Egipto: Joseph o Primeiro para a felicidade de  
Portu-

Portugal, como soy o primeiro Joseph para a prosperidade do Egypto. Mas que digo chorar? Eu não venho a chorar morto hum Monarcha glorioso, a quem as palavras do nosso thema recommendaõ vivo, e immortal: *Non recedet memoria eius, & nomen ejus requiretur à generatione in generationem.* O Syro verteo: *Non deficiet memoria ejus usque in seculum, & nomen ejus oblivioni non tradetur à generatione in generationem.* São Joã escreveo que os defuntos, que com huma ditoza morte daõ principio a huma vida bemaventurada, entraõ no Ceo acompanhados das suas obras: *Opera enim illorum sequuntur illos.* Sua Magestade, que Deos nos levou, entrou no Ceo não só acompanhado das suas obras, mas do seu grande nome; das obras como acredoras do premio; do nome, que, incluindo no seu significado a graça, lhe seguroo a posse da gloria. Sendo isto tanto, não he o mais; o mais he, que as obras, e o nome, que seguirãõ a Sua Magestade até o Ceo, com huma similitude de immensidade tambem ficaraõ comnosco na terra. Foraõ com elle para lhe negociarem a immortalidade na Patria, ficaraõ comnosco para o immortalizarem no mundo. Foraõ com elle para o metterem de posse da eterna gloria, ficaraõ comnosco para lhe estabelecerem huma gloria, que nunca ha de acabar na memoria dos seculos, e na admiração dos homens: *Non recedet &c.* Sim. Não ha de acabar, porque as naçoens do mundo, e a Igreja, repartindo entre si os elogios deste Monarcha, o faraõ immortal em todas as idades; as naçoens publicando a sabedoria, com que governou os vassallos, a Igreja celebrando a piedade; com que engrandeceo a magestade da coroa: *Sapientiam*

*eius enarrabunt gentes, & laudem eius enuntiabit Ecclesia.*  
 E sem advertirmos, temos achado o lenitivo da nossa dor na perpetuidade da memoria, e na immortalidade do nome do nosso defunto Monarcha o Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ o V. Ouviremos o que dizem as naçoens do mundo, e a Igreja; ouviremos os acertos do seu reynado, as maravilhas da sua piedade; e acabaremos de entender que o Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ o V. he de gloriosa memoria, e immortal, pelo que delle publicarão as naçoens, e celebrará a Igreja: *Non recedet &c.*

Nada dezeja tanto a vaidade dos mortaes, como illudir o decreto inalteravel da morte com a vida perduravel da fama, e com a immortalidade do nome: Com este pensamento levantáraõ estatuas, fabricáraõ collossos, erigiraõ templos; enganaraõ-se porém os mortaes na eleiçaõ destes meynos para o fim da immortalidade; a que aspiraraõ. Naõ saõ as obras alhêas mas as proprias, as que fazem immortaes os homens: Cada hum com as suas obras he o artifice da immortalidade do seu nome. O homem ficou mortal pela culpa, e pelo merecimento he que recupera a immortalidade, que perdeo. Ninguem soube melhor esta arte que o Fidelissimo Senhor Rey D. Joaõ o V.: a pezar da morte o respeitãõ immortal todas as naçoens; mas a sua immortalidade he effeito glorioso da sabedoria, com que governou: *Sapientiam eius enarrabunt gentes.* Naõ ha arte taõ difficultoza como a arte de governar homens, por isso nenhuma cousa he taõ necessaria aos Reys como a sabedoria. Bem o conheceo Salamaõ, a quem offerecendo Deos dar-lhe o que dezejasse, o que pedio para dezempenhar as obrigaçoens

gaçoens de Rey, foy a sabedoria: *Postulasti tibi sapientiam*. Até o mesmo Deos em confirmação dessa verdade, quando nos prometteo a seu Filho como Rey, o prometteo como Sabio: *Regnabit Rex, & sapiens erit*. Esta sabedoria, que resplendeceo no Rey immortal da gloria, he a que fez immortal o nome augusto do nosso Rey. Não sou eu o que o digo; taõ as naçoens todas: *Sapientiam ejus &c*. Reparemi: não só louvaõ a sabedoria do seu governo, mas a sua sabedoria. Nos Reys huma coula he governarem com acerto, e outra coula he ser sua a sabedoria; com que governaõ. Houve no mundo outros Monarchas, que dezempenharaõ no governo as maximas da sabedoria; mas a sabedoria, que resplendecia no governo, não era sua, era do vassallo, era do conselheiro, com quem repartiaõ o pezo da Monarchia. Em Babylonia o Rey era Balthazar, mas o sabio era Daniel. Em Jerusalem o Rey era David, mas a sabedoria do conselho estava em Achitofel. Em Egypto o Rey era Faraó, mas a sabedoria, que felicitava o imperio, toda era de Joseph. Em Portugal se admirou a excepção desta regra, onde o Rey era taõ sabio, que os acertos do seu governo todos se attribuiaõ, não á sabedoria dos vassallos, mas á sua sabedoria: *Sapientiam ejus*. Elle era o Balthazar, e o Daniel, o David, e o Achitofel; elle era, o que governava como Faraó, e o que sabia como Joseph: por isso os louvores, que merecia á sabedoria do seu governo, sem se repartirem com os vassallos, todos eraõ seus: *Sapientiam ejus*. Assim como a sabedoria teve lugar taõ distinto no seu throno, tambem procurou que dominasse no seu Reyno: para esse fim

instituto a Academia Real da Historia , de quem foy Protector , e Mecenas , e terá glorioso assumpto: Este mesmo dezejo manifestou nos dous claustros religiosos , que fundou em Mafra , e nas Necessidades, aonde estabelfeço outras tantas casas de sabedoria. Como conhecia que as livrarias são as officinas , em que a sabedoria costuma polir os engenhos , e aperfeiçoar os sabios , o seu mayor estudo foy ajuntar Bibliothecas. Para constituir o seu palacio palacio da sabedoria , o ornou de huma Bibliotheca tão magnifica , como quem a ajuntou. A Mafra , e as Necessidades , que fundou , tambem enriqueceo com livrarias copiosas. Na Universidade de Coimbra mandou fabricar huma Bibliotheca publica tão magnifica , que em tudo corresponde á grandeza daquelle emporio das letras. Até nos estudantes de S. Antão fez Sua Magestade publico o amor , que tinha á sabedoria : para os promover na sciencia lhe introduzio novos estimulos no certame , e lhe fez huma occulta , e suave força com os premios. Consignou rendas para que duas vezes no anno se publicassem composicoens , destinando se aos vencedores proporcionados premios em todas as classes. Por este meyo vio Sua Magestade o seu Reyno tão povoado de sabios , que no seu tempo teve a sabedoria em Portugal o seu imperio. A sabedoria para engrandecer a sua gloria dizia por boca de Sabio : *Per me Reges regnant* , que por seu meyo reynavaõ os Soberanos. Em Portugal teve esta divida proporcionada satisfacaõ : a sabedoria fez reynar o Monarcha ; e o Monarcha fez reynar a sabedoria. A sabedoria o pôs no throno , e elle collocou a sabedoria no throno , em que o pôs. De sorte que ao mes.

meſmo tempo que a ſabedoria olhando para todos os Reynos do mundo repete glorioſa : *Per me Reges regnant* ; olhando para o. noſſo Reyno , e para o noſſo deſunto Monarcha póde confeſſar agradecida : *Per Regem regno*. Mas ſe ella foy taõ exaltada pelo Rey no ſeu Reyno , ella exaltou tanto no mundo ao noſſo Monarcha , que por todas as naçoens he celebrada a ſua ſabedoria : *Sapientiam eius*.

Teve o noſſo Monarcha ſabedoria ; mas a ſua ſabedoria teve por credito ſer huma ſabedoria bema-venturada, por ſe applicar ao ſoccorro dos pobres; que eſſa he a ſabedoria bemaventurada na opiniaõ de David: *Beatus , qui intelligit ſuper egenum , & pauperem*. Deos deo ao noſſo Monarcha naõ só a ſabedoria , mas as riquezas; podendo repetir o noſſo Soberano : *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa* ; porém elle para ſe deſempenhar com Deos beatificou a ſabedoria , reſtituindo liberalmente a Deos as riquezas que lhe deo , pelas maõs dos pobres. Naõ ha em todo Portugal Communidade Religioſa ; nem houve neceſſidade publica , a quem o noſſo Monarcha naõ ſoccorreſſe com maõ taõ larga , como ſua. Diga o Campo Mayor abra- zado com dezaſtre violento. Diga o Lisboa na epidemia , que no ſeu tempo padeceo. Diga o a Provincia de Alen. Tejo na eſterilidade continuada , que experimentou por alguns annos , onde Sua Mageſtade a huns deo o ſoccorro , a outros o remedio , e a todos ſupprio a falta do neceſſario. E que dirãõ os mais vaſſallos , a quem Sua Mageſtade ſoccorreo nas mais urgentes neceſſidades ? Naõ he precizo que digaõ mais do que diziaõ as ſuas lagrimas todas as vezes que Sua Mageſtade ſe via em perigo de vida , que forãõ mui-  
tas

tas, chorando todòs a sua falta, naõ só como Rey; senaõ como Pay. Assim fez o nosso Monarcha bemaventurada a sua sabedoria applicando a ao soccorro dos necessitados: *Beatus, qui intelligit super egenum & pauperem.* Mas se a sua sabedoria foy bemaventurada por dar aos necessitados o soccorro, de que careciaõ, tambem foy bemaventurada por dar aos seus vassallos o mayor bem. E que bem será este? He aquelle, que de contínuo pedimos a Deos: *Da pacem Domine in diebus nostris.* Foy a paz, que Deos nos concedeo por meyo da sabedoria do nosso Monarcha. Este foy o primeiro cuidado de Sua Magestade, apenas occupou o throno, concluir os ajustes da paz e conservá-la. Tudo teve o effeito dezejado; porque estipulada a paz com Castella, e França, que no principio de seu reynado estavaõ em campo contra Portugal, a paz, que estabeleceo, foy huma paz firme, e perduravel. O Real Profeta David, fallando do reynado de Christo seu filho, disse, faria glorioso o seu imperio com abundancia da paz: *In diebus ejus abundantia pacis.* Eu bem sey que os Monarchas do mundo assim como reprêntaõ a Deos no dominio, que delles recebem; tambem saõ huns Deozes pequenos cá da terra, e como taes filhos singularmente do Altissimo; assim o reconheceo o mesmo David: *Ego dixi, dii estis, & filii Excelsi omnes.* Porém entre todos os Reys se distinguio o nosso Monarcha, como filho do Altissimo, que ao seu imperio communicou Deos aquella abundancia da paz promettida no imperio de seu Filho: *In diebus ejus abundantia pacis.* O doutissimo Leblanch; explicando esta abundancia de paz, escreveu: *Pax copiosissima, & maxime diuturna.* Huma paz copiosissima;



fiffima, hũa paz, que se estende pela serie dilatada dos tẽpos. E não he esta a paz, que se vio em Portugal no tempo do nosso Soberano: Toda Europa ardendo em guerra; todas as Monarchias inquietas, e algumas assoladas com as levas, com as campanhas, com as batalhas, com os tumultos da guerra; e Portugal logrando a abundancia da paz, que lhe communicava o seu Monarcha: *In diebus eius abundantia pacis.* Huma só guerra conservou o Augustissimo Senhor Rey D. João o V., e foy dentro no seu Reyno; era a guerra, que fazia aos crimes, e aos delinquentes: porém como nesta guerra resplendecia o exercicio da justiça, eraõ novos vinculos, com que firmou a paz, que nos dava: *Iustitia, & pax osculate sunt.* Bem conheceo Sua Magestade a *sympatia*, que entre si tem estas duas virtudes; pôr isto bulcou na paz a administração da justiça. Este foy hum de seus maiores cuidados, como o primeiro que devem ter os Monarchas. Escolhia para os tribunaes os ministros mais incorruptos. Não permittia que os grandes, e os poderozos entendessem eraõ privilegiados para a observancia das leys; taõ attento sempre ao fiel da balança da justiça, que te no seu tempo fez lembrar o imperio do Filho de Deos pelo attributo da paz, não menos o representou na inteireza da justiça: *In diebus ejus iustitia, & abundantia pacis.* Prerogativas taõ singulares, que publicadas no mundo pelos eccos da fama, de tal sorte excitaraõ os assombros das naçoens, que todas com aclamação uniforme engrandecem a sabedoria do seu governo: *Sapientiam ejus enarrabunt gentes.* Ficando por este modo o Fidelissimo Senhor Rey D. João o V. de gloriosa memoria  
pela

pela immortalidade do seu nome : *Non recedet memoria eius &c.*

*Et laudem ejus enuntiabit Ecclesia:*

Mal podiaõ faltar os louvores da Igreja a hum Monarcha , que com tanto desvélo cuidou nos augmentos do Culto Divino , na perfeiçaõ das ceremonias Ecclesiasticas , e em enriquecer , e levantar altares , e templos ao Rey do Ceo. Mas que louvores diz a Igreja deste Rey ? Diz o mesmo , que estaõ dizendo o ouro , a prata , os bronzes , os marmores as pedras preciosas , que Sua Magestade offereceo a Deos nos templos com liberalidade Real. Diz que foy hum Rey pio , hum Rey Catholico ; hum Rey exemplar do zelo , da Fé , e da Religiãõ : em fim , hum Rey dado singularmente por Deos para augmento da divina gloria , e para utilidade da Igreja. Eterno ficara o seu nome , e a sua memoria nos annaes do Vaticano. Alli se lerá , para exemplo dos Reys Catholicos , a veneraçãõ , o amor , e o respeito , que teve á Igreja , e a seus Pastores. O titulo estimabilissimo de filho da Igreja he hereditario nos Reys de Portugal ; depois que o Padre duas vezes S. Pio V. o deo ao nosso faudozo Rey D. Sebastiaõ. Mas o nosso Monarcha o fez tanto seu , como se naõ fora herdado , accrescentando ao nome de Filho o titulo glorioso de Fidelissimo com que o supremo Pastor da Igreja engrandeceo a sua piedade. E na verdade em todas as occasioens se portou sua Magestade como Filho Fidelissimo da Igreja. Dos filhos , que em Christo gerou , dizia S. Paulo que por fieis eraõ a sua coroa : *Vos estis corona mea.*  
Dei

Deste filho Fidelissimo pôde dizer o mesmo a Igreja ; que he a tua Coroa , pois para firmar na cabeça do Pastor Supremo a Tiara lhe accrescentou com as forças navaes do seu Reyno mais huma Coroa. Ja sabem quero dizer que , implorando o Summo Pontifice soccorro de Sua Magestade contra o Turco ; que com huma poderosa armada ameaçava a ultima ruina á Cabeça da Igreja , Sua Magestade lhe mandou hum soccorro tão recopilado , que sendo sette os navios , de que constava a armada Portugueza , se lhe fizemos a conta pela arithmetica do valor , acharmos era huma armada composta de milhares de vasos. Assim o deve confessar o mundo , o qual com inveja , e assombro vio que bastaraõ as Quinas Portuguezas para eclipsar o orgulho infiel da Lua Othomana. Retirou-se destruida a armada dos Turcos. Ficou a victoria pelos Portuguezes , que tiveraõ a gloria de engrandecer a Tiara da Igreja com mais esta Coroa. Quando Pedro no Horto queria defender a Christo , naõ acceitou Christo a defensta , dizendo que para isto tinha no Cco a milicia dos Anjos : *An nescis possum rogare Patrem meum , & exhibebit mihi plusquam duodecim legiones Angelorum ?* Vejaõ a gloria dos Portuguezes. A Christo querer ser defendido no Horto , naõ admittiria os Apostolos , porque tinha Anjos. Mas para Christo , e Pedro ser defendido no seu Vigario , e Successor , naõ se vale da milicia dos Anjos , e quer os soldados Portuguezes. Ja houve , e foy o principe dos Prégadores , quem interpretasse a favor dos Portuguezes , dando a conhecer no mundo por meyo das Conquistas o nome de Deos , a profecia de Izaias : *Ite Angeli veloces.* Naõ duvido foraõ

como Anjos na propagação da Fé os Portuguezes ; mas tambem he certo encherão as vezes de Anjos, defendendo a Christo no seu Vigario. O certo he , que Christo, no caso que quizesse ser defendido , havia de pedir ao Pay os Anjos ; e o Vigario de Christo para ser defendido dos inimigos de Deos pediu o socorro a este Filho Fidelissimo. Esta gloriosa acção, com que este Filho dezempenhou o titulo de Fidelissimo , sustentando a Cabeça da Igreja na alteza, que lhe era devida , servio tambem de manifestar a uniaõ intima do amor , que com ella tinha. O Divino Esposo , querendo louvar o pescoço da Esposa , que em figura era a Igreja , se valeo da similhança da torre de David , toda guarnecida de escudos , e armas : *Turris David collum tuum , mille clypei pendent ex ea , omnis armatura fortium*. Similhante á torre de David o pescoço da Esposa ? E com que pensamento ? Direy o que entendo. Naõ he o pescoço na symetria do corpo o mais unido a cabeça ? Naõ ha duvida. Naquelle formoso composto da Esposa naõ se representava a Igreja ? Todos o sabem. Agora notem : A torre de David foy destinada para defender a santidade do Siaõ figura da Igreja , dos insultos atrevidos dos Jebuzeos, que eraõ os infieis daquelle tempo. Tudo disse o douctissimo Gislerio : *Extitisse vero turrim hanc maxime spectabilem , ut ab expulsis Jebuzeis tutam servaret arcem Sion*. Quer pois dizer o Esposo , que quem com uniaõ mais intima está unido á Cabeça da Igreja , he quem sabe dezempenhar a gloria da torre de David , defendendo o Siaõ da Igreja dos assaltos dos infieis. Naõ ha duvida que todos os Reys Catholicos saõ membros da Igreja , mas quem occupava o lugar do pes-

pescoço ; como mais unido á cabeça ; foy o Filho Fidelissimo da Igreja o Senhor Rey D. Joaõ o V. Nas sette náos , com que socorreo a Igreja , pôs em campo sette movediças Fortalezas , e naquella occasião os Castellos , que cercavaõ as Quinas nas bandeiras de Portugal , eraõ outras tantas torres de David para a defenfa da Igreja : mas por isso o nosso Monarcha manifesta mais intima uniaõ com a cabeça da Igreja. Bem sey , que naquelle conflicto tambem se viraõ as armas dos outros Filhos da Igreja , todos valorosos , e alentados : *Et omnis armatura fortium*. Mas quiz a Providencia que elle , assugentando os infieis , que se oppunhaõ á Igreja , assimilhasse a gloria da torre de David triunfando dos Jebuzeos : *Ab expulsis Jebuseis &c.* Para que assim conhecesse o mundo , que este Filho Fidelissimo no corpo mystico da Igreja representava o mysterio do pescoço , por ser o mais unido á Cabeça da mesma Igreja : *Turris David &c.*

Mas deixemos ja de admirar estas acçoens da piedade do Filho Fidelissimo da Igreja , em que se reparte a gloria entre a piedade , e o valor , entre o zelo da religiaõ , e a valentia ; e entremos a ouvir a quellas acçoens do nosso Monarcha , que a Igreja publica ; todas filhas da sua piedade. A devoçaõ deste grande Rey só pôde ter similhaça com a sua fé. A recreaçaõ para elle mais gostosa era o vir á tribuna assistir aos Officios Divinos ; procurando que em todos se praticassem com exacta perfeiçaõ as ceremonias da Igreja , em que era peritissimo. A sua Patriarchal era todo o seu amor. Alli se achava assistindo na tribuna a todás as horas do coro ; taõ pontual nesta assistencia , que nenhum Maultro do Altar , por mais que se

distinguisse na rezidencia, lhe levava a primazia. O  
 mais he, que nem nos ultimos annos da sua vida foy  
 bastante a enfermidade para lhe fazer interromper esta  
 assistencia, antes quanto mais se via opprimido da  
 enfermidade, entã buscava no Author da vida o alli-  
 vio. Nesta materia admirei hum successo, que, ain-  
 da que o não posso canonizar por milagre, nas suas  
 circumstancias parece excede as forças da natureza.  
 Huma das occasioens, em que aquelle fatal acciden-  
 dente assaltou a Sua Magestade, se vio em perigo  
 tão evidente, que se publicaraõ preces em toda Lis-  
 boa. No segundo dia das preces esteve Sua Magesta-  
 de tanto ás portas da morte, que se valeraõ os Me-  
 dicos do remedio violento das farjas para o livrarem  
 do perigo. No terceiro dia das preces, ao mesmo tem-  
 po que toda Lisboa estava cuidadoza, e assistada  
 com o perigo do seu Soberano; ao mesmo tempo que  
 a Santa Igreja Patriarchal multiplicava affectuosas  
 rogativas pelo seu Augusto Fundador, appareceo de  
 repente Sua Magestade na tribuna acompanhando as  
 preces, que se faziaõ pela sua enfermidade com acção  
 de graças, que viuha render a Deos pela sua melhora.  
 David, aquelle piedozo Rey tão empenhado no  
 Divino Culto, dizia viera dar ao templo infinitas gra-  
 ças ao author da vida pêlo livrar das portas da morte:  
*Exaltas me de portis mortis, ut annuntiem omnes lau-*  
*dationes tuas in portis filie Sion.* Vejaõ a differença,  
 que faz David ao nosso Rey. David primeiro o livra  
 Deos das portas da mortê, e depois he que vem ao  
 templo a dar a Deos as graças pelo livrar da enfermi-  
 dade. O Senhor Rey D. Joã o V., ao mesmo tem-  
 po que estava ás portas da morte, por estas mesmas  
 portas

portas entrã no templo para agradecer a Deos a vida. Quando os Ministros da Igreja offerecem preces pela sua enfermidade, aparece no templo a dar as graças pela melhoria. Por este modo extraordinario manifestou Deos quanto lhe agradava a piedade deste grande Rey, concedendo-lhe a vida com tão particular cuidado para lhe continuar os obsequios. Porém este mesmo cuidado de Deos me dá fundamento a hum reparo, que entendo será de todos. Reparo em Deos condenar a huma enfermidade tão prolongada hum Rey piedoso, a quem com tão declarado empenho concede a vida. Dá mayor força ao meu reparo hum successo da Escritura. A doença, que na Escritura pôde ter alguma similhaça com a do nosso saudoso Rey, foy a de Ezechias. Enfermou El Rey Ezechias, e enfermou como o nosso Soberano, porque de ambos foy mortal a enfermidade: *Aegrotavit Ezechias usque ad mortem.* Hum, e outro conleguio a saude milagrosa por meyo de lagrimas. Ezechias por meyo das muitas, que elle mesmo chorou, o nosso Monarcha por meyo das lagrimas de seus vassallos, que com rogativas, procissões, e preces alcançaraõ para o seu Rey a saude dezejada. Para a melhoria de Ezechias contribuiu hum prodigio do relogio de Achaz, que estava no palacio, que por esta maravilha se manifestou a expressa figura de Maria Mãy de Deos. Tudo disse Mauricio de Vita Probata: *Maria Horologium, ad cujus decimam lineam reversus est sol Justitie.. ut sanaretur homo.* A melhoria de Sua Magestade tambem foy beneficio da Mãy de Deos: pois á Senhora das Necessidades, que em Palacio lhe assistio, reconhecco o nosso Monarcha dever a vida.

Entre tanta similitude acho da parte da melhora humana grande differença ; porque a Ezechias dilatou Deos a vida por mais quinze annos , ao nosso Monarcha lhe concedeo a vida pouco mais de oito. Ezechias teve vida , que na realidade foy vida , porque conseguiu saude perfeita ; o Senhor Rey D. João o V. teve tal vida ; que mais se lhe pode chamar ou enfermidade successiva , ou morte prolongada .

Ah Deos , e que occultos taõ os vossos juizos ! Os homens , pondo os olhos nestes dous Monarchas ; os reconhecemos os mais semelhantes nas acçoens da piedade , e do zelo. Ezechias destruiu os Idolos , e fez guerra aos Idolatras : *Dissipavit excelsa , contrivit statuas. ipse percussit Philisteos.* E isto mesmo executou na India o nosso Monarcha , coroando a Estatua de pacifico com os triunfos da Idolatria. Ezechias foy o reparador do Divino culto em Israel. Sua Magestade o promoveo no seu Reyno. Ezechias abriu novamente o templo. O nosso Monarcha fundou de novo muitas Igrejas. Ezechias cuidou em restituir ao templo os Sacerdotes , os Levitas , e os Cantores , purificando com todas as ceremonias a casa de Deos. O Senhor Rey D. João o V. sagrou templos , e altares em grande numero , e na Casa , que consagrou a Deos na sua Patriarchal , lhe offereceo naõ só Cantores exquisitos convocados com despeza excessiva de todo o mundo , mas hum numero extraordinario de Ministros taõ condecorados pelos seus nascimentos , pelas suas letras , pelas honras , pela dignidade , e taõ abundantes de rendas , que nelles se manifesta bem a grandeza de seu Real animo. Ezechias convocou o seu povo para celebrar a Paschoa do Cordeiro com a



solemnidade dos Azimos: *Misit nuntios ad populum convocandum, Phase celebrans cum Azimorum solemnitate.* Et creveo o doutissimo Merz. Sua Magestade procurou tanto o culto do Corpo de Deos, figurado naquella solemnidade, que convocou toda a sua Corte, e as suas vizinhanças para formar hum triunfo tão magnifico, e gloriolo, que fosse digno da Magestade Divina; a quem se offrecia, e da humana, que o consagrava. Finalmente, Ezechias louvava a Deos todos os dias entoando Psalms no seu tanto templo: *Psalms nostros cantabimus cunctis diebus vite nostrae in domo Domini.* E Sua Magestade não só assistia na Casa de Deos todos os dias, ouvindo os Psalms, que em louvor de Deos se entoavaõ no coro, senão que particularmente rezava o Officio Divino todos os dias com raro exemplo de devoção, e piedade. A vista desta similhaça, que o Senhor Rey D. João o V. teve com Ezechias, quem não diria que Deos movido das nostas lagrimas, e da piedade deste grande Rey, lhe concederia huma vida tão prospera; e dilatada por tantos annos como a Ezechias? Mas não foy assim, como entendemos; porque a vida lhe foy só concedida por oito annos, e lhe foy otorgada com a penção de huma enfermidade continua, e diuturna. E com que providencia assignaria Deos este decreto? Se os abismos inscrutaveis da Divina labordia se podem de longe reverentemente investigar, eu dissera que assim o determinou Deos para fazer dous beneficios. Hum ás Almas santas do Purgatorio; outro á alma de Sua Magestade, que, como piamente cremos, hoje o goza. Era Sua Magestade o mais signalado bemfeitor das Almas do Purgatorio;

conce

concedeo Deos a vida a Sua Magestade, e ali fez beneficio ás Almas do Purgatorio, porque lhes prorogou mais o tempo dos suffragios. Deo a Sua Magestade huma vida por oito annos, mas penalizada, e nisso consistio o beneficio da lua alma. Quiz Deos que satisfizesse pela pena temporal do Purgatorio correspondente ás culpas com os sacrificios quotidianos, que offerecia pelas Almas do Purgatorio, e com o purgatorio, que deste modo padeceo em oito annos de enfermidade, pudesse por meyo de huma morte bema-venturada voar a possuir o eterno descanso na vista de Deos. Parece-me que Salamaõ no livro do Ecclesiastico nos deixou mysteriosamente descrita esta felicidade do nosso glorioso Rey: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas, quia post tempora multa invenies illum. Da partem septem, necnon & octo: quia ignoras, quid futurum sit mali super terram.* Lança o teu paõ sobre as agoas, que passaõ, e depois de muito tempo o acharás. Offerece sette, e tambem oito, porque não conheces os males, que estaõ para vir sobre a terra. Póde haver texto mais enigmatico? Porém se fizermos reflexaõ na vida do Senhor Rey D. Joaõ o V., nos será facil addivinhar o enigma. Nas letras sagradas pelas agoas se entendem as tribulações, por isso muitos intrepreses com Alapide explicaraõ por estas agoas as penas do Purgatorio, e pelo paõ o paõ sagrado, e consagrado, que no sacrificio da Missa se offerece em suffragio: *Aliqui, diz Alapide, Per aquas transeuntes intelligunt animas in purgatorio detentas, quasi hinc pro eis jubeat effundere... suffragia.* Esta he a razaõ, com que nos diz o Ecclesiastes, que depois de muitos tempos acharemos este paõ, porque

Eccl. 11.  
v. 2.

Alap. ibi.

depois do tempo da vida he que principalmente se colle o fructo destes suffragios. Toda a duvida consiste naquella: *Septem, necnon & octo*. Rabi Salamaõ com outros, allegados por Alapide, pelo sette entendem os sette dias da semana: *Per septem intelligunt septem dies septimane, quali dicat, quotidie date elemosynam*. Como se dissera: dai esmõla, offerecei suffragios todos os dias da semana, que assim vos livrareis das penas da outra vida. Assim interpreta S. Jeronymo citado por Alapide as ultimas palavras do texto: *Ignoras &c.*, affirmando que aquelles males ameaçados são as penas da outra vida. Tudo está bem explicado, todo o trabalho he explicar o *necnon & octo*. Porém para isso não necessito de outro interprete mais que o mesmo successo. Parece que o texto foy talhado para Sua Magestade, e por isso até aqui se não achava cabal interpretação áquelle oito, porque a interpretação dos oito só se havia de achar nos oito annos, que Sua Magestade padeceo a vida, ou viveo luctando com a morte. O Senhor Rey D. Joaõ o V. seguindo o conselho do Ecclesiastes, lançou o seu pão sobre as agoas, porque offereceo nos sacrificios o Pão da Eucharistia, o qual, pela veneração, que lhe teve, e pelo culto singular, que lhe consagrrou, ficou por antonomazia o seu pão: *Mitte panem tuum &c.* Todos os dias offereceo estes suffragios para encher o significado mysterioso no numero 7. recommendado no texto: *Per septem intelligunt &c.* Nos dias dos suffragios encheo o significado dos sette, e nos annos da enfermidade o numero mysterioso dos oito: *Da partem septem, necnon & octo*. Deste modo ajuntando o purgatorio de oito annos aos suffragios,

que

que offerencia pelas benditas Almas do Purgatorio todos os dias, se livrou das penas da outra vida taõ temozas: *Quia ignoras quid mali futurum sit super terram.* Toda esta felicidade lhe conseguiraõ as acçoens de piedade, que exercitou, e por isso a Igreja o engrandece immortal na piedade: *Laudem ejus enuntiabit Ecclesia.*

Vivei pois, Fidelissimo Senhor; vivei, e reinai; em hum, e outro mundo Rey; em hum, e outro mundo depois da morte immortal. Na terra immortal pelas vossas acçoens; no Ceo immortal pelo vosso merecimento. Na terra immortal com a assistencia, que tivestes de Deos no vosso throno; no Ceo immortal assistindo ao throno de Deos. Na terra immortal pela sabedoria, com que governastes o vosso reyno; no Ceo immortal pela sabedoria, com que adquiristes o reyno de Deos. Na terra immortal pela piedade com os homens; no Ceo immortal pela misericordia de Deos. Na terra immortal como Rey Fidelissimo, no Ceo immortal como servo fiel. Na terra immortal pela paz, em que conservastes o vosso reyno; no Ceo immortal pela paz, em que descansais nesse reyno bemaventurado, que ja he vosso.

*Requiescat in pace.*



**NB**



•EFG0000367073•





E  
.13